REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, moeda forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrangeiro (união geral dos correios).	5$000	2$500	—$—	—$—

11.º ANNO — VOLUME XI — N.º 345

21 DE JULHO 1888

REDACÇÃO — ATELIER DE GRAVURA — ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA TRAVESSA DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos.

CHRONICA OCCIDENTAL

Como o tempo passa, e como a gente caminha para velho!

Eu bem sei que, como ha dias descendo a escada da Opera de Paris, o sr. de Lesseps dizia a alguem que lhe fazia notar isto mesmo, que *nous nous faisons vieux*, não ha outro remedio senão resignarmo-nos, visto envelhecer ser o unico meio até hoje descoberto de viver muito tempo, mas faz saudades, a cada nome que se pronuncia termos ligada uma serie enorme de factos que já lá vão ha que tempos, olharmos para traz, dentro da nossa memoria, e vermos enfileirada já uma sucia de annos, a sorrir-nos lá de longe com todo o encanto da mocidade, com todo o prestigio fascinador que tem tudo aquillo que não póde voltar jámais!

É por isso que os velhos são massadores para aquelles que não tem ainda passado: é por isso que elles tem sempre uma longa historia a contar a proposito da mais pequena coisa, porque a mais pequena coisa revolve-lhe lá dentro no seu espirito, um mundo de acontecimentos, accorda-lhe na sua memoria uma immensidade de factos, uns alegres outros tristes, uns tragicos outros comicos, mas que de longe como se vêem agora já não fazem rir nem chorar, já não tem a intensidade necessaria para arrancar dos olhos as lagrimas, ou para escancarar os labios nas convulsões desoppilantes das gargalhadas, que se confundem todos n'um sorriso melancolico e saudoso, como ao cahir da tarde nos apparecem ao longe, nos horisontes affastados, a cidade mais sombria e o logarejo mais ridente confundidos indistinctamente na luz indecisa, vaga, mysteriosa da hora crepuscular.

Eu hoje tambem trago historia para contar, uma historia que uma rapida noticia de duas linhas escripta n'um jornal do Brazil, que o ultimo paquete trouxe, fez resurgir completa e viva no meu espirito.

Foi já ha 16 annos! e quantos nomes a minha memoria ressuscita que de ha muito se transformaram em numeros no funebre livro de entrada dos cemiterios!

O publico que em Lisboa se occupava ao tempo de coisas theatraes andava alvoroçado.

A empreza Santos despedira do theatro de D. Maria a actriz Emilia das Neves e com ella o João Rosa, o Pinto de Campos, o Silveira, a Jesuina e não me lembra quem mais.

Os enthusiastas theatraes indignaram-se com esta cabazada de bons artistas que a empreza atirára para fóra do nosso primeiro theatro e protestou fazendo ruidosas e triumphaes despedidas aos artistas postos fóra.

N'essa noite celebre nos annaes do nosso theatro, o theatro de D. Maria presenceou scenas inauditas.

No fim do espectaculo houve morras á empreza, vivas phreneticos aos artistas despedidos, que todos no palco, até o ponto, o velho Ricardo — que tambem era dos sahidos — agradeciam commovidos, de lagrimas nos olhos, aquella manifestação imponente e extraordinaria.

Achando que dar palmas e gritar bravos era pouco, os principaes enthusiastas escalaram a orchestra e saltaram ao palco: outros mais prudentes ou menos leves, como eu por exemplo, deram a volta burguezmente pela escada da caixa; mas todos, uns e outros, com mais ou menos rapidez, mais ou menos gymnastica, mas com egual enthusiasmo, lá foram ter ao palco, e era abraços, beijos, lagrimas, que ferviam.

E o resto do publico que ficou para cá da ribalta applaudia doidamente.

A Emilia das Neves, a quem eu nunca tinha fallado, mas que soube que eu tinha sahido dias antes da redacção do *Jornal da Noite* por tel-a defendido vehementemente n'um artigo, que desagradou a Teixeira de Vasconcellos, amigo e defensor do partido contrario — abraçou-me e beijou-me em scena: ao passo que o Pequito beijava a Jesuina, o Raphael Bordallo beijava o João Rosa, o Pinto de Campos e o Silveira andavam nos braços de toda a gente, e o ponto Ricardo chorava no meio do palco como uma Magdalena.

A sahida a manifestação continuou. A Emilia das Neves e a sua fiel creada Andreza foram acompanhadas até casa pelos manifestantes — sem archotes, mas com enthusiasmo.

E esse enthusiasmo não era tão pequeno como isso; durou umas poucas de semanas, e quando em 18 de outubro de 1872 o theatro do Gymnasio, com empreza nova e companhia nova tambem, abriu as suas portas, o enthusiasmo lá foi dos primeiros a comprar bilhete, a entrar na

O CONEGO ALVES MENDES

plateia e a repetir no palco do theatrinho da velha travessa do Secretario de Guerra as mesmas scenas ruidosas e festivas do theatro do Rocio, a saudar com applausos delirantes aquelles artistas entre os quaes estavam alguns d'aquelles de quem com delirantes applausos se despedira em D. Maria, o João Rosa, o Pinto de Campos e até o Ricardo ponto.

A peça d'abertura era uma comedia drama em 4 actos *A filha unica*, traduzida pelo Lopes Cardoso e desempenhada pelo João Rosa, Pinto de Campos, Polla, Maria das Dores e Emilia dos Anjos.

A peça não era boa nem má, mas agradou muito: os artistas tiveram uma ovação enorme, e, como em D. Maria, o publico no fim do espectaculo saltou ao palco a abraçar os artistas.

Os amadores de theatro tinham tomado o gosto a essa gymnastica do enthusiasmo e durante mezes foi a moda em Lisboa esses saltos ao proscenio.

Por fim cahiu em desuso, porque cahiu em ridiculo.

No fim de qualquer acto, em o publico applaudindo um pouco mais via-se logo dois ou tres sujeitos saltarem por cima dos tymbales para o palco, abraçarem os artistas que estavam em scena e começarem a agradecer commovidos os applausos do publico, como se fossem para elles.

D'ahi muita gargalhada, troça, e assim acabou em Lisboa essa demonstração de agrado que encheu muitas pernas de canelladas.

O caso é, porém, que o publico sympathisou com o theatro do Gymnasio, a corrente estabeleceu-se para ali, e a empreza Xavier d'Almeida teve o que se chama uma verdadeira maré de rosas.

Mas não era só para o publico que o theatro era divertido e alegre: era-o tambem para os frequentadores da caixa.

A caixa do Gymnasio então era maior do que é hoje, tinha camarins e *foyer* no primeiro andar do predio contiguo, onde depois esteve por muito tempo o cabelleireiro *François*: lá dentro ia muita gente, jornalistas, litteratos, auctores dramaticos, e passava-se excellentemente n'uma bella e jovial camaradagem como nunca tinha visto e nunca mais tornei a ver em theatro.

Dizem que a felicidade faz a gente boa. O theatro estava feliz e lá dentro não havia questões, nem intrigas, nem mexericos: eram todos bons uns para outros, artistas e visitantes; via-se em plena e permanente festa.

Uma manhã d'inverno de 1872, estavamos uns poucos conversando e rindo no *foyer*, emquanto lá no palco o ensaiador, o Alfredo de Mello, acabava de apurar uma comedia qualquer, quando Maria Adelaide, que estava á janella, nos chamou a todos para vermos uma rapariga muito bonita.

O Eduardo Martins, um auctor dramatico de talento, que tinha um grande amor pelo theatro, a quem a tisica matou, quando elle sonhava com os planos d'umas poucas de peças em que via a gloria, o Eduardo Martins e eu corremos á janella.

Não vimos ninguem.

—Entrou para cá, disse a Maria Adelaide, é alguma actriz nova, querem ver?

Nós rimos pensando que tudo aquillo fosse brincadeira da Maria Adelaide para nos fazer levantar e ir á janella: mas n'esse momento a porta do *foyer* abriu-se e entrou uma rapariga loura, trazendo um pequenito pela mão, e procurando pelo sr. Xavier d'Almeida.

A entrada da desconhecida fez sensação. Nós todos ficámos como que deslumbrados.

É que realmente a recemchegada era de uma formosura notavel. Os seus olhos grandes, escuros, contrastavam estranhamente com a côr fulva dos seus cabellos louros, abundantissimos, uma verdadeira floresta d'espigas de trigo, que ella trazia negligentemente amarrados n'um penteado caprichoso, e com a brancura excepcional da sua epiderme muito fina, muito diaphana, d'uma côr leitosa, atravez da qual se podiam seguir as linhas emaranhadas do azul das veias.

O seu corpo elegantissimo, delicado, mas de uma grande correcção esculptural de fórmas, desenhava-se sob uma *toilette* rica e de bom gosto, um quasi nada apparatosa de mais, em que abundavam muito as flôres, especialmente as *margaritas*.

O Xavier d'Almeida não estava lá. Veio o director de scena, o Alfredo de Mello, fallar com a recemchegada, e d'ali a momentos eu era chamado a tomar parte na conversação.

—Esta senhora, disse-me o Alfredo de Mello, apresentando-m'a—a sr.ª D. Margarida do Nascimento Cruz, quer debutar. Tenho lá aquella comedia de Bellot, que tu outro dia me déste para ler, *A la campagne*. Parece-me que é boa para ella. És capaz de a traduzir depressa?

—Sim, eu desejava debutar quanto antes. Um papel que não fosse muito insignificante... mas que não me compromettesse...

—Amanhã está cá a peça traduzida, prometto eu.

—Bello, serão duas estreias no mesmo dia, a tua como auctor dramatico, a d'esta senhora como actriz, disse o Alfredo de Mello, rindo.

Vim para casa e n'essa noite não me deitei senão depois de ter traduzido a comedia. Não era positivamente a minha estreia; o Valle e o Silva Pereira tinham representado antes, no theatro de D. Maria, um entreacto traduzido por mim e pelo Maximiliano d'Azevedo, e o Trindade imitador estava já ao tempo fazendo no Gymnasio, uma scena d'imitações que eu lhe escrevera—*As scenas tragicas da vida d'uma familia;* mas comedia a valer para entrar a sério no reportorio d'um theatro, era a comedia de Bellot a primeira.

Na manhã seguinte estava a comedia no Gymnasio: no dia immediato provava-se e d'ali a noites annunciavam os cartazes a estreia da actriz Margarida Cruz, com a primeira representação da comedia em um acto *No campo*.

A comedia agradou muito e deu umas trinta recitas a seguir. Agradou muito, primeiro, porque era bonita, segundo, porque era representada primorosamente pelo João Rosa, Maria Adelaide e Bayard. O papel de Margarida era pequeno, mas muito gracioso, e ella fel-o excellentemente, com um grande sangue frio, fazendo prova immediata d'uma explendida vocação theatral.

A sua belleza muito distincta tinha a vantagem de ser uma belleza magnifica para o theatro: bonita cá fóra, Margarida em scena era lindissima, e os seus olhos, os seus cabellos louros, a sua voz docemente cantada, davam ao seu typo o tom encantador das ingenuas ideaes.

O successo de Margarida na sua estreia foi um acontecimento theatral.

Depois de fazer duas ou tres peças, pelo seu talento, e pela sua belleza, Margarida passou a ser a actriz em voga do Gymnasio, *l'etoile*.

Os seus *successos* d'actriz e de mulher começaram, porém, a grangear inimizades nos bastidores, pequenas invejas, intriguinhas muito conhecidas na historia de todos os artistas e que durante mezes não tinham conseguido transpôr os umbraes da porta da caixa do Gymnasio.

Entretanto como Margarida tinha valor real, como tinha talento a valer, a guerra não lhe fez mal, e n'esse seu primeiro anno de theatro assignalou a sua entrada na carreira e a sua passagem pelo Gymnasio com verdadeiras façanhas artisticas, como por exemplo, representar se não irreprehensivelmente, mas bem, com distincção e intelligencia, uma das mais difficeis comedias de Auger, a *Ceinture Dorée*, que ella levou á scena na noite do seu primeiro beneficio, traduzida pela pessoa que escreve estas linhas, com o titulo de *A opinião publica*.

Mas o feitio de Margarida não era para as luctas do theatro, nem luctas com o publico, nem luctas com os collegas.

Margarida cançava-se depressa, não estava para isso.

Não tinha paciencia para estudar minuciosamente um papel, nem diplomacia para vencer uma intriga.

Era caprichosa em excesso, era sobretudo romantica, tinha a miudo accessos de poesia e de romantismo e mandava de presente ao diabo o theatro, a arte, os ensaios e os papeis.

Não se importava absolutamente nada com os regulamentos dos theatros, com as tabellas dos ensaios: a tabella era ella: *l'etat c'est moi*.

E depois, como não estava presa ao theatro pela necessidade do ordenado, como Margarida gastava só n'um vestido para uma comedia, o ordenado do anno todo, fossem lá obrigal-a a entrar no bom caminho, a estar no theatro ás horas de começar o espectaculo, a não faltar á pontualidade dos ensaios!

D'isso nunca ninguem foi capaz!

No Gymnasio, Margarida chegou a faltar a um espectaculo que estava annunciado, e estando ella de perfeita saude.

Teve o capricho de não ir, não foi, e o espectaculo teve que ser mudado.

Multaram-n'a em 50 por cento do ordenado, mas isso foi-lhe tão indifferente como este artigo lhe é hoje, que dorme o eterno somno n'uma sepultura, no Rio de Janeiro.

Era um extranho e original caracter o caracter d'aquella formosa rapariga, que era tambem uma boa rapariga nas suas horas de sinceridade e de franqueza.

E esse caracter conservou-o religiosamente até no fim da vida—um fim que veio no meio—, conservou-o piedosamente para que a cova levasse aquillo que o berço lhe tinha dado.

Toda a sua vida de actriz e de mulher foi cheia de intermittencias; tão depressa se lançava doidamente á arte, como se a consumisse lá dentro esse fogo sagrado que faz os grandes artistas, como tão depressa abandonava o theatro completamente, desapegadamente, como se nunca a tivesse mordido o demonio da arte, para seguir o mais futil capricho que sorria á sua imaginação romanesca.

A mulher e a actriz passaram estes quinze ou dezeseis annos decorridos desde a sua entrada triumphante no *foyer* do Gymnasio, a luctar permanente uma com a outra: um dia parecia que a actriz vencera a mulher, no outro era a mulher que vencia a actriz, e n'esse combate entre o romance da sua vida com a historia da sua carreira, passou a loura e formosa Margarida toda a sua existencia, que não foi longa, e que acabou desastradamente no Brasil, nos delirios satanicos, nas agonias terriveis da febre amarella.

Pobre Margarida! pobre transviada! que gastou a sua mocidade a correr atraz d'essas duas grandes fascinadoras, a felicidade e a gloria, sem no fim de tudo conseguir nunca alcançal-as! As vezes chegou a tel-as ao alcance da mão, era só estender o braço, mas vinha a doida phantasia, e lá fugiam essas duas doiradas aves do paraizo sonhado pelas mulheres e pelos artistas!

Bem dizia eu no começo d'esta longa chronica,—que é tudo menos uma chronica—que *nous nous faisons vieux*.

A noticia da morte da pobre Margarida, que eu li n'um jornal do Rio, da pobre Margarida que eu conheci resplandecente de mocidade, de formosura, de talento, bastou para me acordar no espirito todas estas recordações de mocidade que dormiam descançadas no fundo do meu cerebro, muito bem accommodadas nas suas cellulas.

Se ellas acordaram para que o leitor adormecesse, que me atire a primeira pedra aquelle feliz mortal que não tenha lá dentro das suas reminiscencias deseseis quartos de prosa ao serviço da saudade dos tempos que já lá vão e das pessoas que já não voltam.

Gervasio Lobato.

O CONEGO
ANTONIO ALVES MENDES DA SILVA RIBEIRO

Não sei quantos, mas ha já muitos annos, entrando eu machinalmente na igreja de S. Francisco, onde havia uma festa brilhante á Virgem da Conceição, o aspecto alegre do pequeno templo engrinaldado de flôres e vestido de sedas, a multidão que se apinhava por todo elle em um alastramento sereno e contricto e finalmente a musica, que lá do alto do côro, rojava torrentes de harmonias de um encanto suave e palpitante, detiveram-me até ao ponto em que vi surgir no pulpito a figura de um padre ainda novo, e cuja physionomia aberta e sympathica me predispoz desde logo e da melhor vontade para elle. Não o conhecia e fiquei.

Nunca se me apagará da mente a impressão deliciosa que as palavras do moço sacerdote deixou no meu espirito, nem o bom dia restante que me fez passar pelo abalo que a sua eloquencia produziu no meu sentimento enthusiasta de rapaz.

Era baixo o padre e um tanto magro, mas de seu rosto franco, irradiava uma tal mysticidade elegante, um não sei quê de santo e mundano que eu, como todo o auditorio, como me sentia preso irresistivelmente dos seus labios que se entreabriam para nos magnetisar com a torrente impetuosa dos seus formosissimos pensamentos e com o vigor sincero das suas crenças.

A voz não era demasiado forte, mas tão melodiosa, tão impressiva, tão clara, que ouvindo-a dir-se-ia que todos nós estavamos enfeitiçados pela melodia estranha d'essa dicção correcta e sonora.

Procurei saber o nome do ecclesiastico e disseram-me chamar-se Alves Mendes.

Nunca mais me esqueceu esse nome e mais tarde tive ensejo de justificar para mim proprio-

a opinião que d'elle fizera n'esse dia, de que o prégador que ouvira seria um dos astros da nossa oratoria sagrada contemporanea.

Com o andar dos tempos relacionamos-nos e hoje conto o conego Alves Mendes como um dos meus amigos.

Esta declaração é para mim importante n'este momento, porque desejo especificar do modo mais peremptorio que nem o affecto que por elle sinto, nem a consideração que lhe tributo, nem o respeito que tenho pela sua elevadissima capacidade me obrigariam a escrever esta duzia de linhas, se alguma vez elle não me tivesse feito vibrar estas duas cordas sonoras que nos enleiam a alma e que a rhetorica denominou—admiração e enthusiasmo.

Incumbido pelo meu respeitavel amigo, o director d'este periodico, de escrever algumas linhas para acompanhar o retrato que hoje honra as paginas do Occidente, confesso que foi com verdadeira satisfação que recebi esse pedido, porque elle representava para mim, com o cumprimento de um desejo, a opportunidade de mostrar publicamente a minha admiração e o meu respeito, por um cavalheiro que sabe de ha muito que o considero com intimo carinho e acato pelo seu saber.

O que sinto é que a humildade do meu nome e o achavascado do meu escripto fiquem áquem da importancia de Alves Mendes.

E dito isto, vou, com a maior despreoccupação e serenidade, esboçar deus traços do nosso retratado.

O dr. Alves Mendes, como orador sagrado, tem de ha muito uma reputação solida não só no Porto como em muitas terras do paiz, onde a inspiração do seu verbo lhe tem creado amizades e admirações.

Faltava-lhe porém como que a consagração d'esse renome na capital, onde as summidades do saber poem o sello da sua approvação nos creditos provincianos.

Proporcionára-se occasião propicia ao conego Alves Mendes de exhibir alli, por occasião da solemnidade commemorativa do 1.º de dezembro, todos os primores da sua facundia e todos os arrebatamentos do seu patriotismo, mas por circumstancias que sobrevieram e talvez de ordem puramente politica, o sermão não se proferiu, ficando assim adiado o ensejo que o illustre padre tinha de patentear os recursos do seu merito.

Se o discurso não se recitou, passou comtudo á posteridade n'um bello opusculo que tem por titulo *Patria!*, joia deslumbrante em que o seu author engastou preciosissimas pedras da sua poderosa imaginação.

Todos conhecem esse oppulento sermão, que se lê por vezes com assombro e se admira com pasmo.

Tratou-se ultimamente da trasladação, para o rendilhado monumento dos Jeronymos, dos despojos mortaes do primeiro escriptor d'este seculo, o sr. Alexandre Herculano e Alves Mendes foi convidado a fazer-lhe o panegyrico.

O assumpto era delicado, escabroso até, porque ninguem ignora o papel bem definido que o sabio historiador desempenhou litterariamente em assumptos que a reacção trabalha sempre por manter em uma crença tão firme como perniciosa. Foi até devido a isso, talvez, que novos attrictos se ergueram para desviar o fecundo ecclesiastico do proposito a que acquiesceu de fazer o elogio do insigne litterato.

Applanadas as difficuldades, que chegaram a ter um certo echo no nosso parlamento, Alves Mendes subiu ao pulpito e a sua voz eccoava pela primeira vez por debaixo das abobadas macissas d'essa obra-prima do renascimento artistico portuguez.

Foi um successo, como costuma dizer-se, esse discurso, successo de gloria para o seu author e de assombro para os que o ouviram e para os que ainda hoje o lêem.

O grande templo estava repleto da mais litteraria concorrencia que se podia desejar para as honras que se prestavam a uma das individualidades proeminentes d'esta geração. A politica e as letras, a aristocracia do brazão e do dinheiro, a clerzia, a burguezia e o povo. E toda essa massa immensa, electrisada sempre pela corrente d'aquella voz nervosa e lucida, como que sentia percorrer-lhe a sensibilidade um fremito de espanto e de arrebatamento, a que só podia dar expansão o rumor concentrado do mais fervido applauso.

Não exaggero a impressão que o dr. Alves Mendes produziu em Lisboa. Tenho diante de mim quasi todas as folhas periodicas da capital, que fallaram da solemnidade, e em todas ellas encontro palavras da mais completa justiça e do mais elevado encomio para o portentoso orador.

O que é, e o que vale o seu trabalho d'esse dia, dil-o talvez melhor do que todos os elogios, a venda quasi instantanea de duas edições d'esse discurso monumental.

Não me refiro a elle como peça de oratoria sagrada, porque seria pôr em duvida a intelligencia dos que o ouviram ou o leram. O que desejo comtudo assignalar é a maneira como o padre se referiu constantemente ao grande religioso que por vezes incorrera nas iras da Igreja. Nada ha alli que offenda os dogmas catholicos nem que amesquinhe a pureza ideal religiosa do famoso escriptor. Depois, se elle incorrera em alguma censura, não estava já sufficientemente perdoado desde que a propria Igreja lhe consagrára em todos os actos que se succederam á sua morte, as orações e as primicias que tributa aos seus fieis? N'este ponto acho até singular a teimosia dos que continuam a ver em Herculano um herectico ou um irreconciliavel. A religião creio que não se fez para estas vinganças posthumas.

É longa já e sobremodo preclara a carreira oratoria do conego Alves Mendes. Desde o mais amplo templo e a solemnidade mais ceremoniosa, até á pequena capella e a festa ao santo menos considerado, o illustre sacerdote tem feito ouvir a sua palavra elegante, fluente e arrebatadora.

Nas exequias de D. Pedro IV, na Lapa, por exemplo, onde desde Luiz Maria da Maia e Silva, abbade de Maciera de Sarnes, o primeiro que na igreja da Misericordia (1834) fez o elogio do finado imperador, até Garcia Diniz, prior da Encarnação em Lisboa, o ultimo que no anno passado foi imcumbido da mesma missão, o dr. Alves Mendes tem prégado n'essa luctuosa commemoração quatro vezes. É sabido que as mezas d'aquella irmandade primam sempre na escolha dos ecclesiasticos que tem de proferir esse discurso politico-religioso.

Mas não é só no pulpito que o dr. Alves Mendes tem demonstrado o seu talento e a sua aptidão. Os seus escriptos são por egual completos primores de estylo e de vernaculidade. Veja-se o seu formoso livro *Italia*, em que a par da phrase burilada e elegante resaltam os conhecimentos artisticos que nem todos possuem.

Foi a proposito d'essa obra e de umas dentadas com que alguem tentou esgarçar-lhe a orla da sua sotaina, que escreveu aquelle celebre opusculo de combate litterario *Os meus plagios*, e viu-se então que o sacerdote, que tão bem entrava nos assumptos graves, era ao mesmo tempo um polemista terrivel.

Leia-se esse opusculo, bem como outros taes como *Um quadrupedante á desfilada* e *Thomista ou tolista?* e vêr-se-ha que de subtilezas de critica, que de formusuras de phrase e que de açoites sangrentos vão por esses trabalhos de um valor incontestavel.

Como orador e escriptor sério, Alves Mendes arrebata pelo seu dizer puro e pela riqueza das suas concepções; como polemista e adversario é para temer, pela sua fórma contumdente, incisiva, burlesca até, mas sempre graciosa e feliz.

Quem ler as suas obras notará por vezes um resaibro antigo, classico, em que a abundancia dos sinonymos corre á desfilada emparelhado com um estylo polido e suave. É o clacissismo como só elle o sabe fazer: moderno, bem tramado, em que a palavra obsoleta saltita por entre os cardumes dos termos de uma latente finura moderna. Dir-se-hia o padre Vieira encarnado em Camillo Castello Branco.

E a fórma, o que nós chamamos o estylo, o modo de dizer? Nada mais bello, mais immaculado, mais verdadeiramente portuguez! Tudo aquillo é de uma nobreza, de uma fidalguia, de uma oppulencia deliciosas. Leiam-o os que aprendem a escrever; meditem-o os que já o sabem, e a lição será sempre proveitosa e util.

N'este deslisar da penna, quasi me esquecia de algumas notas biographicas de Alves Mendes. Mas tambem, para que biographia de um homem que toda a gente conhece, e que toda a gente respeita?

Sei bem pouco da sua vida biographica. Comtudo, ahi vae do que tenho conhecimento.

Antonio Alves Mendes da Silva Ribeiro, nasceu em 19 de outubro de 1838 em Penacova, districto de Coimdra, sendo filho de Joaquim Alves Ribeiro e D. Joaquina Mendes da Silva.

Frequentou o Lyceu de Coimbra de 1853 a 1858 e quasi simultaneamente, 1856 a 1858, o curso superior do Seminario da mesma cidade. Em ambos esses estabelecimentos recebeu as provas mais cabaes da sua intelligencia e applicação, pois no primeiro ficou distincto em quasi todos os exames, e no segundo distincto em todos os actos.

Entrando para a Universidade formou-se em theologia (1859-1863), sendo sempre premiado e seguidamente á formatura foi despachado conego da sé de Porto em 17 de novembro de 1863.

No seminario diocesano d'esta cidade regeu durante doze annos a cadeira de Pastoral e Eloquencia Sagrada (1864-1876) e do modo como elle ahi ministrava o ensino ha ainda saudosa memoria em quantos foram seus discipulos.

E eis o que sei de Alves Mendes.

Sei ainda mais alguma cousa de muito intimo e que receio trazer para este lugar. E o muito amor, a muito preoccupação que elle tem para com a sua numerosa familia.

Talvez por ella—que é o fóco absorvente do seu espirito—tenha por vezes deixado de acceitar um lugar no parlamento; talvez por ella—que é o seu bem e a sua alegria—não esteja hoje em um solio episcopal.

Por ella vive e por ella trabalha.

—Mais quatro ou cinco annos de vida e de lucta—dizia-me elle ainda não ha muito—e morrerei com a suprema satisfação de ter deixado todos os meus a coberto de penurias.

Não é bello e sublimemente christão este pensamento constante de um padre?

Vae longo este artigo e preciso terminal-o. Fal-o-hei com a menção dos escriptos que o dr. Alves Mendes tem publicado, fechando d'este modo, com chave devida, creio eu, o rapido escorso do orador e do litterato.

Obras esgotadas.—*Italia; O priorado de Cedofeita* (polemica); *Os meus plagios* (idem); *Thomista ou tolista?* (idem); *Um quadrupedante á desfilada—Corrida em pello ao Silvano da «Ordem»*, (idem); *Discursos diversos; Patria!* (sermão); *Fontes*, (idem); *Herculano* (idem).

Porto 18.

Manuel M. Rodrigues.

EXPOSIÇÃO INDUSTRIAL PORTUGUEZA

(Continuação)

O PAVILHÃO PRINCIPE DA BEIRA

(EXPOSIÇÕES COLLECTIVAS)

Cumprindo a promessa feita nos nossos artigos antecedentes, damos hoje noticia circumstanciada da installação *Principe da Beira*.

Estão ali representadas, no seu typo caracteristico, cada uma das ilhas adjacentes ao nosso continente, em objectos de uso exclusivo dos seus habitantes, como: trajos, mobilia, ferramentas, diversas industrias, madeiras, obra de talha, cordoaria, minerio, manufactura do ferro, flora domestica, desenvolvimento agricola, cereaes e vinhos, olaria, faiance, trabalhos escolares, trabalhos feminis, costura, bordados, e brinquedos—e tudo admiravelmente disposto, ordenado de um modo elegante.

Villa Viçosa mostra-nos pelles de cabrito, de veado, productos ceramicos, borrachas para vinho, moveis de ferro e madeira, machina de frisar papel, um modelo de moagens de trigo e azeitona, sapataria alemtejana, fatos, industria da cera, e mantas do paiz; *Portalegre*, sapataria, páios e chouriços; *Angra do Heroismo*, minerio, cultura e industria do tabaco, vinhos, licores, cereaes, lãs, collecções de madeiras e colchas de algodão; *S. Miguel*, licores, tabaco manipulado, photographias de Arthur Ley, capachos de esparto colorido, colchas, chapeus de palha, e trabalhos escolares do Asylo de infancia desvalida de S. Miguel; *Ponta Delgada*, tanoaria e productos ceramicos; *Horta*, trabalhos em pita, lenços para o peito, quadros de miolo de figueira, carnes de conserva, e cestos.

Chegando a este ponto da nossa revista, visto como o nosso itenerario foi, logo que entramos, tomar á esquerda seguindo em volta do pavilhão, estamos por isso em frente do gabinete onde estão as exposições dos Asylos de S. Thomé, Junqueira, Calafates, Sant'Anna, Lapa, Santa Quiteria, Arroyos, S. Vicente, Esperança e Ajuda, constantes de bordados, escripta, e mais trabalhos escolares dos asylados.

Depois temos as exposições das cartas geographicas de Portugal, pelo systema do sr. conselheiro Mendonça Cortez; um modelo do barco salva-vidas de Carlos Relvas, premiado nas exposições internacionaes de Bolonha, Havre e

GALERIA MORAES SOARES E PAVILHÃO D. AMELIA, ONDE ESTAO EXPOSTOS OS PRODUCTOS AGRICOLAS

(Desenho de J. R. Christino)

Lyon; um quadro grande, tendo, aproximadamente, um metro de altura por seis de comprimento, representando o panorama de Lisboa, visto do rio Tejo, é todo feito á penna por Isaias Newton, obra admiravel de precisão e arte, foi vendido por um conto de réis.

A industria de Fafe ali está representada n'uma installação do sr. José da Silva Guimarães, em chapeus de palha, pannos de mesa, bordados. Diversas senhoras, occorre-nos citar os nomes de D. Laura May, D. Amelia May, D. Izabel Manzoni, D. Virginia Klerck e D. Paulina Vaz, expõem bordados a matiz em setim, ouro e seda.

Coimbra tem as honras de principal expositora do pavilhão *Principe da Beira*.

Sahindo do gabinete annexo a que nos temos referido, e voltando á esquerda, a primeira installação do districto de Coimbra é uma boa exposição das suas typographias e officinas de encadernação; pannos de tapete, setins e almatrixas, borla e capêllo para os doutores da Universidade, tamancos e tamanquinhas desde 300 réis a 14$000 réis, pannos atoalhados, louça das fabricas de Alfredo Pessoa & Filho; — louças, azulejos de João Antonio da Cunha, José Luiz de Moura e Leonardo Antonio Veiga, este ultimo, segundo nos informam, presenteou o museu industrial de Lisboa com toda a louça exposta; todos estes expositores põem os preços nos objectos, o que muito facilita o apreço da sua industria.

Seguem-se: Francisco Antonio Meira, modelador em gesso, copias do natural, folhas de era etc.; — Miguel Costa, expositor de louças, é de todos os de Coimbra quem demonstra mais aperfeiçoamento em desenho e pintura; Benjamim Ventura expõe obra de seu fabrico, em talha, uma preciosa moldura de espelho, amostras de tectos arabes, parquet. Latoaria, mão de obra muito perfeita em fogões, alambique e panellas de ferro; collecção de barros e areias, preço por metro cubico, seu aproveitamento no fabrico da louça em Coimbra; cestos vendimos, cabaz de cachos, gigos, etc.; louça de Miranda do Corvo, palhoças, vestimenta; — de diversos expositores de Coimbra.

(Continúa.) *Manuel Barradas.*

AS NOSSAS GRAVURAS

CARLOS FLOQUET
E O GENERAL BOULANGER

O telegrapho e os jornaes de França deram noticia de uma sessão tumultuosa no parlamento francez, da qual resultou a renuncia do general Boulanger á sua cadeira de deputado, e um duello d'este com Carlos Floquet presidente do conselho de ministros.

Na politica franceza são vulgares estes conflictos e não menos vulgares os duellos, entretanto o facto que acaba de se dar no parlamento francez não deixa de preoccupar as attenções, que n'este momento se fixam no governo da republica com maior interesse.

A popularidade do general Boulanger, em França, vem desde o tempo em que elle foi ministro da guerra e se pronunciou pela desforra da França contra a Allemanha; mas foi justamente isto que lhe promoveu a queda, que o affastou do poder pela opposição que lhe teem feito, e a sua popularidade tem passado por alternativas, tendo ultimamente ganho mais terreno com a eleição de Lile, e em Paris Boulanger foi alvo de ruidosas manifestações, que o governo não viu com bons olhos, condemnando essas manifestações que alteravam a ordem publica.

A primeira vista não se percebe lá muito bem esta aversão do governo francez por Boulanger, que se apresenta como um grande patriota, tocando uma das cordas mais sensiveis da França, a da sua desforra da Allemanha; mas se o governo assim procede, razões deve ter para isso, e não serão outras que, ou a inoportunidade de rompimento de hostilidades entre os dois paizes, rompimento que se procura evitar cautellosamente, como se tem visto, ou as aspirações de Boulanger serem tidas por menos sinceras e expontaneas, no meio da situação em que o governo considera a França, o que parece deprehender-se das palavras de Floquet no parlamento, na sessão a que nos referimos e de que passamos a fazer a synthese.

Quando o general Boulanger chegou á camara, correu logo a noticia de que elle ia apresentar uma proposta de dissolução do parlamento, o que despertou o maior interesse das galerias e preoccupou a assembléa.

Effectivamente Boulanger subiu á tribuna e leu o seguinte: «A camara, convencida da necessidade de novas eleições, convida o governo a pedir ao presidente da Republica que use do direito de dissolução que lhe confere o artigo 5.º da lei constitucional de 1875.»

Fudamentando a sua proposta disse o general, que não devia receiar-se a agitação que as eleições produziam, porque era inevitavel agora ou para o anno, e que para o anno peior seria.

Isto provocou logo rumores na esquerda, mas o orador continuou, accusando a camara de indolente, e que todos os problemas constitucionaes ficavam addiados.

Aqui principiou o tumulto da assembléa e as palavras de Boulanger mal se ouviam no meio das interrogações mais violentas. Elle continuou nas suas censuras á camara e dirigindo-se a Floquet disse que o governo só vivia pela guerra que fazia a todas as idéas novas e aos que as queriam fazer triumphar.

Floquet respondeu-lhe violentamente. Disse que não havia razão para o governo aconselhar a dissolução do parlamento porque o governo estava em maioria, que Boulanger accusava a camara de indolente, não tendo tomado parte nos seus trabalhos, e referindo-se á guerra, que ao dizer do general, o governo faz ás idéas novas, teve estas palavras:

«Diz elle que nós fazemos guerra ás idéas novas, elle, que successivamente passou dos corredores das sachristias para as ante-camaras da côrte».

A camara levantou-se indignada e da esquerda applaudiam enthusiasticamente.

Floquet continuou: «O mais moderado dos republicanos tem prestado á republica mais serviços do que o mal que elle lhe poderá fazer. Fallou de dissolução, a verdadeira dissolução está no partido d'elle».

Boulanger livido de colera subiu á tribuna e dirigindo-se a Floquet disse na maior exaltação: «Já lhe gritei por quatro vezes que mentia impudentemente».

Ao ouvirem-se estas palavras a desordem cresceu e muitas vozes gritavam: A censura, a censura.

«É a mim ou ao presidente do conselho que censuraes?» gritou Boulanger.

O presidente declarou que era a Boulanger.

No meio da desordem ouviu-se Boulanger gritar:

«A liberdade da tribuna foi violada na minha pessoa. Dou a minha demissão».

E atirou com um papel para cima da mesa, retirando-se da sala com os seus amigos.

A assembléa pediu a leitura do papel, e depois de alguma exitação o presidente leu:

«Tenho a honra de dar a minha demissão de deputado depois da votação que a camara acaba de formular».

Esta leitura foi acolhida com gargalhadas, porque a camara não tinha votado coisa nenhuma, e levantou-se a sessão.

O resultado d'esta sessão foi um duello entre Floquet e Boulanger, o qual se realisou ás dez horas da manhã do dia 13, sendo testemunhas por parte de Floquet, Clemenceau e Perrin e por parte de Boulanger, Herissé e Laisant.

O duello foi á espada, e os dois combatentes accommetteram-se com furor, ficando feridos, no primeiro assalto, Floquet ligeiramente na perna direita e Boulanger na mão. Uma das testemunhas entreveio para que os dois se não batessem corpo a corpo. Ao segundo assalto Boulanger cahiu a fundo sobre Floquet, mas este parou a estocada e feriu o adversario no pescoço, d'onde o sangue brotou abundante. Os padrinhos deram por terminada a lucta, porque o ferimento de Boulanger era grave.

Floquet retirou para casa onde sua esposa o esperava anciosa, e almoçou com as suas testemunhas. Durante o almoço recebeu um ajudante d'ordens do presidente da republica que o felicitava.

De tarde assistiu á inauguração do monumento a Gambetta e pronunciou um brilhante discurso, que foi muito applaudido. O povo acclamou-o enthusiasticamente.

Boulanger recolheu-se em casa do conde Dillon onde se lhe foi juntar sua esposa. O seu estado é grave, mas não desesperado, havendo todas as probabilidades de escapar.

Este duello reconquista para Boulanger o seu antigo prestigio.

OS MAIAS

EPISODIOS DA VIDA ROMANTICA

EXCERPTO

(Concluido do n.º antecedente)

Ega foi generoso. Desprendeu-se d'elle, empurrou-o brandamente para a poltrona, calmando-o com palmadinhas fraternaes pelo hombro. E declarou que, desde que Damaso appellava para a sua amizade, desapparecia o enviado de Carlos necessariamente exigente, ficava só o camarada, como no tempo dos Cohens e da *villa* Balzac. Queria pois o amigo Damaso um conselho? Era assignar uma carta affirmando que tudo o que fizera publicar na *Corneta* sobre o sr. Carlos da Maia e certa senhora fôra invenção falsa e gratuita. Só isto o salvava. D'outro modo, Carlos um dia, no Chiado, em S. Carlos, escarrava-lhe na cara. E, dado esse desastre, Damasosinho, a não querer ser apontado em Lisboa como um incomparavel cobarde, tinha de se bater á espada ou á pistola...

— Ora, em qualquer d'esses casos, você era um homem morto.

O outro escutava, esbarrondado no fundo do assento de velludo, com a face emparvecida para o Ega. Alargou mollemente os braços, murmurou da profundidade do seu terror:

— Pois sim, eu assigno, João, eu assigno...

— É o que lhe convém... Arranje então papel. Você está perturbado, eu mesmo redijo.

Damaso ergueu-se, com as pernas frouxas, atirando um olhar tonto e vago por sobre os moveis:

— Papel de carta? É para carta?

— Sim, está claro, uma carta ao Carlos!

Os passos do desgraçado perderam-se emfim no corredor, pesados e succumbidos

— Coitado! suspirou o Cruges levando de novo, com um ar de arripio, a mão aos sapatos.

Ega lançou-lhe um *chut* severo. Damaso voltava com o seu sumptuoso papel de monogramma e corôa. Para envolver em silencio e segredo aquelle transe amargo, cerrou o reposteiro; e o vasto pano de velludo, desdobrando-se, mostrou o brazão de Salcede, onde havia um leão, uma torre, um braço armado, e por baixo, a letras d'ouro, a sua formidavel divisa: Sou FORTE! Immediatamente Ega afastou os livros na mesa, abancou, atirou largamente ao papel a data e o adresse do Damaso...

— Eu faço o rascunho, você depois copia...

— Pois sim! gemeu o outro, de novo, aluido na poltrona, passando o lenço pelo pescoço e pela face.

Ega no emtanto escrevia muito lentamente, com amor. E n'aquelle silencio, que o embaraçava, Cruges terminou por se erguer, foi coxeando até ao espelho onde se desenrolavam, entalados na frincha do caixilho, bilhetes e photographias. Eram as glorias sociaes do Damaso, os documentos do *chic a valer* que era a paixão da sua vida: bilhetes com titulos, retratos de cantoras, convites para bailes, cartas de entrada no Hippodromo, diplomas de membro do Club Naval, de membro do Jockey Club, de membro do Tiro aos Pombos: — até pedaços cortados de jornaes annunciando os annos, as partidas, as chegadas do sr. Salcede, «um dos nossos mais distinctos *sportmen*».

Desventuroso *sportmen!* Aquella folha de papel, onde o Ega rascunhava, ia-o enchendo pouco a pouco d'um terror angustioso. Santo Deus! Para que eram tantos apuros n'uma carta ao Carlos, um rapaz intimo? Uma linha bastaria: — «Meu querido Carlos, não te zangues, desculpa, foi brincadeira.» Mas não! Toda uma pagina de letra miuda com entrelinhas! Já mesmo Ega voltava a folha, molhava a penna, como se d'ella devessem escorrer sem cessar coisas humilhadoras! Não se conteve, estendeu a face por sobre a mesa, até o papel:

— Ó Ega, isso não é para publicar, pois não é verdade?

Ega reflectiu, com a penna no ar:

— Talvez não... Estou certo que não. Naturalmente Carlos, vendo o seu arrependimento, deixa isso esquecido no fundo d'uma gaveta.

Damaso respirou com allivio. Ah, bem! Isso parecia-lhe mais decente entre amigos! Que lá isso, mostrar o seu arrependimento, até elle desejava! Com effeito o artigo fôra uma tolice... Mas então! Em questões de mulheres era assim, assomado, um leão...

Abanou-se com o lenço, desanuviado, recomeçando a achar sabôr á vida. Findou mesmo por accender um charuto, levantar-se sem rumor,

acercar-se do Cruges—que, coxeando através das curiosidades da sala, encalhára sobre o piano e sobre os livros de musica, com o pé dorido no ar.

—Então tem-se feito alguma coisa de novo, Cruges?

Cruges, muito vermelho, resmungou que não tinha feito nada.

Damaso ficou alli um momento, a mascar o charuto. Depois, atirando um olhar inquieto á mesa onde o Ega rascunhava interminavelmente, murmurou, sobre o hombro do maestro:

—Uma entaladella assim! Eu é por causa da gente conhecida... Senão não me importava! Mas veja você tambem se arranja as coisas e se o Carlos deixa aquillo na gaveta...

Justamente Ega erguera-se com o papel na mão e caminhava para o piano, devagar, relendo baixo.

—Ficou optimo, salva tudo! exclamou por fim. Vai em fórma de carta ao Carlos, é mais correcto. Você depois copía e assigna. Ouça lá: «Ex.mo sr....» Está claro, você dá-lhe excellencia, porque é um documento d'honra... «Ex.mo «sr.—Tendo-me v. ex.ª, por intermedio dos seus «amigos João da Ega e Victorino Cruges, ma«nifestado a indignação que lhe causára um certo «artigo da *Corneta do Diabo* de que eu escrevi «o rascunho e de que promovi a publicação, «venho declarar francamente a v. exc.ª que esse «artigo, como agora reconheço, não continha se«não falsidades e incoherencias: e a minha des«culpa unica está em que o compuz e enviei á «redacção da *Corneta* no momento de me achar «no mais completo estado d'embriaguez...»

Parou. E nem se voltou para o Damaso, que deixára pender os braços, rolar o charuto no tapete, varado. Foi ao Cruges que se dirigiu, entalando o monoculo:

—Achas talvez forte?... Pois eu redigi assim por ser justamente a unica maneira de resalvar a dignidade do nosso Damaso.

E desenvolveu a sua idéa, mostrando quanto era generosa e habil—emquanto o Damaso, aparvalhado, apanhava o charuto. Nem Carlos nem elle queriam que o Damaso n'uma carta (que se podia tornar publica) declarasse «que calumniára por ser calumniador». Era necessario, pois, dar á calumnia uma d'essas causas fortuitas e ingovernaveis que tiram a responsabilidade ás acções. E que melhor, tratando-se d'um rapaz mundano e femeeiro, do que estar bebedo?... Não era vergonha para ninguem embebedar-se... O proprio Carlos, todos elles alli, homens de gosto e de honra, se tinham embebedado. Sem remontar aos romanos, onde isso era uma hygiene e um luxo, muitos grandes homens na Historia bebiam de mais. Em Inglaterra era tão *chic*, que Patt, Fox e outros nunca fallavam na Camara dos communs senão aos bordos. Musset, por exemplo, que bebedo! Emfim a Historia, a Litteratura, a Politica, tudo fervilhava de piteiras... Ora, desde que o Damaso se declarava borracho, a sua honra ficava salva. Era um homem de bem que apanhára uma carraspana e que commettera uma indiscrição... Nada mais!

—Pois não te parece, Cruges?

—Sim, talvez, que estava bebedo, murmurou o maestro timidamente.

—Pois não lhe parece a você, francamente, Damaso?

—Sim, que estava bebedo, balbuciou o desgraçado.

Immediatamente Ega retomou a leitura: «Agora «que voltei a mim reconheço, como sempre re«nheci e proclamei, que é v. exc.ª um caracter «absolutamente nobre; e as outras pessoas, que «n'esse momento d'embriaguez ousei salpicar de «lama, são-me só merecedoras de veneração e «louvor. Mais declaro que se por acaso tornasse «a succeder soltar eu alguma palavra offensiva «para v. exc.ª, não lhe devia dar v. exc.ª, ou «aquelles que a escutassem, mais importancia do «que a que se dá a uma involuntaria baforada «d'alcool—pois que, por um habito hereditario «que reapparece frequentemente na minha fami«lia, me acho repetidas vezes em estado de em«briaguez... De v. exc.ª, com toda a estima etc...» Rodou sobre os tacões, pousou o rascunho na mesa—e accendendo o charuto ao lume do Damaso, explicou com amizade, com bonhomia, o que o determinára áquella confissão de bebedeira incorrigivel e palreira. Fôra ainda o desejo de garantir a tranquillidade do «nosso Damaso». Attribuindo todas as imprudencias em que pudesse cahir a um habito d'intemperança hereditaria, de que tinha tão pouca culpa como de ser baixo e gordo, o Damaso punha-se *para sempre* ao abrigo das provocações de Carlos...

—Você, Damaso, tem genio, tem lingua... Um dia esquece-se, e no Gremio, sem querer, na cavaqueira depois do theatro, lá lhe escapa uma palavra contra Carlos... Sem esta precaução, ahi recomeça a questão, o escarro, o duello... Assim já Carlos não se póde queixar. Lá tem a explicação que tudo cobre, uma gotta de mais, a gotta tomada por impulso de borrachice hereditaria... Você alcança d'este modo a coisa que mais se appetece n'este nosso seculo XIX—a irresponsabilidade!... E depois para a sua familia não é vergonha, porque você não tem familia. Em resumo, convem-lhe?

O pobre Damaso escutava-o, esmagado, enervado, sem comprehender aquellas roncantes phrases sobre «a hereditariedade», sobre «o seculo XIX». E um unico sentimento vivo o dominava, acabar, reentrar na sua paz pachorrenta, livre de floretes e de escarros. Encolheu os hombros, sem força:

—Que lhe hei de eu fazer?... Para evitar falatorios.

E abancou, metteu um bico novo na penna, escolheu uma folha de papel em que o monogramma luzia mais largo, começou a copiar a carta na sua maravilhosa letra, com finos e grossos, d'uma nitidez de gravura em aço.

Ega no emtanto, de sobrecasaca desabotoada e charuto fumegante, rondava em torno da mesa, seguindo sôfregamente as linhas que traçava a mão applicada do Damaso, ornada d'um grosso annel d'armas. E durante um momento atravessou-o um susto... Damaso parára, com a penna indecisa. Diabo! Acordaria emfim, no fundo de toda aquella gordura balofa, um resto escondido de dignidade, de revolta?... Damaso alçou para elle os olhos embaciados:

—Embriaguez é com *n* ou com *m*?

—Com um *m*, um *m* só, Damaso! acudiu Ega affectuosamente. Vai muito bem... Que linda letra você tem, caramba!

E o infeliz sorriu á sua propria letra—pondo a cabeça de lado, no orgulho sincero d'aquella soberba prenda.

Quando findou a cópia foi Ega que conferiu, pôz a pontuação. Era necessario que o documento fosse *chic* e perfeito.

—Quem é o seu tabellião, Damaso?

—O Nunes, na rua do Ouro... Porque?

—Oh! nada. É um detalhe que n'estes casos se pergunta sempre. Mera ceremonia... Pois amigos, como papel, como letra, como estylo, está d'appetite a cartinha!

Metteu-a logo n'um enveloppe onde rebrilhava a divisa «Sou Forte», sepultou-a preciosamente no interior da sobrecasaca. Depois, agarrando o chapéo, batendo no hombro do Damaso com uma familiaridade folgazã e leve:

—Pois, Damaso, felicitemo-nos todos! Isto podia acabar fóra de portas, n'uma poça de sangue! Assim é uma delicia. E adeus... Não se incommode você. Então o grande sarau sempre é na segunda-feira? Vai lá tudo, hein! Não venha cá, homem... Adeus!

Mas o Damaso acompanhou-os pelo corredor, mudo, murcho, cabisbaixo. E no patamar reteve o Ega, desafogou outra inquietação que o assaltára:

—Isso não se mostra a ninguem, não é verdade, Ega?

Ega encolheu os hombros. O documento pertencia a Carlos... Mas emfim Carlos era tão bom rapaz, tão generoso!

Esta incerteza, que o ficava minando, arrancou um suspiro ao Damaso:

—E chamei eu áquelle homem *meu amigo!*

—Tudo na vida são desapontamentos, meu Damaso! foi a observação do Ega, saltando alegremente os degraus.

Quando o calhambeque parou no Jardim da Estrella, Carlos já esperava ao portão de ferro, n'uma impaciencia, por causa do jantar na *Toca*. Enfiou logo para dentro atropellando o maestro, bradou ao cocheiro que voasse ao Loreto.

—E então, meus senhores, temos sangue!

—Temos melhor! exclamou Ega no barulho das rodas, floreando o enveloppe.

Carlos leu a carta do Damaso. E foi um immenso assombro:

—Isto é incrivel!... Chega a ser humilhante para a natureza humana!

—O Damaso não é o genero humano, acudiu Ega. Que diabo esperavas tu? Que elle se batesse?

—Não sei, corta o coração... Que se ha de fazer a isto?

Segundo o Ega não se devia publicar; seria crear curiosidade e escandalo em torno do artigo da *Corneta* que custára trinta libras a suffocar. Mas convinha conservar aquillo como uma ameaça pairando sobre o Damaso, tornando-o para longos annos nullo e inoffensivo.

—Eu estou mais que vingado, concluiu Carlos. Guarda o papel: é obra tua, usa-o como quizeres...

Ega guardou-o com prazer, emquanto Carlos, batendo no joelho do maestro, queria saber como elle se portára n'aquelle lance d'honra...

—Pessimamente! gritou Ega. Com expressões de compaixão; sem linha nenhuma; estendido por cima do piano; agarrando com a mão no sapato...

—Pudera! exclamou Cruges desafogando emfim. Vocês dizem-me que me ponha de ceremonia, calço uns sapatos novos de verniz, estive toda a tarde n'um tormento!

E não se conteve mais, arrancou o sapato, pallido, com um medonho suspiro de consolação.

Eça de Queiroz.

RESENHA NOTICIOSA

Fallecimento do ministro do Brazil em Lisboa. No dia 13 do corrente falleceu, em Lisboa, o sr. barão de Carvalho Borges ministro do Brazil n'esta côrte, para onde veio em 1885. O fallecido diplomata de nome João Pedro de Carvalho Borges, contava sessenta e tres annos e meio de edade; nasceu no Rio de Janeiro e era filho do portuguez José Germano Borges da Silva. Pertencia ao corpo de engenheria da armada brazileira, e fez parte da officialidade do navio de guerra brazileiro, que veio á Europa buscar a actual imperatriz do Brazil, quando casou com D. Pedro II. Tendo-se dedicado á carreira diplomatica seguiu com distincção todos os postos diplomaticos, e antes de vir para Lisboa, esteve nos Estados Unidos quatorze annos como ministro do imperio. A causa da morte do sr. barão de Carvalho Borges foi o aggravamento de padecimentos antigos diabeticos por uma ligeira contusão que fez em uma perna indo de encontro á secretária, contusão que em poucos dias tomou as proporções de uma ferida gangrenosa e fatal. Nos poucos annos que o sr. barão de Carvalho Borges viveu em Lisboa, soube captar as sympathias e contar alguns dedicados amigos, sendo a sua morte muito sentida. Assistiram-lhe aos ultimos momentos, além da sua esposa, a Ex.ma sr.ª baroneza de Carvalho Borges, o sr. dr. Santos Viegas, prior da freguezia dos Martyres, o secretario da nunciatura, sr. Tonti, os srs. barões de Mattosinhos e o sr. Vieira da Silva, correspondente do jornal brazileiro «O Paiz».

Relogio fallante. Temos mais uma descoberta de Edison o maravilhoso inventor do phonographo. A nova invenção tem por base a applicação do phonographo aos relogios. Estas machinas que até aqui só annunciavam as horas por meio de campainha, no novo relogio de Edison annunciam-n'as por meio da falla, dizendo: «é uma hora, são duas horas, são horas de deitar, são horas de jantar», etc. Se o invento não tem grande alcance economico, tem grande novidade, o que não valerá menos, porque todos desejarão possuir tão extraordinario relogio.

Uma grande ponte em Lisboa. Se Miguel Paes fosse ainda vivo, como não rejubilaria elle ao saber que um dos seus mais arrojados projectos, que por muitos foi alcunhado de utupia, encontrava meio de se reduzir á pratica com grande utilidade e belleza para a nossa capital. Trata-se de um grande viaducto entre a alameda de S. Pedro de Alcantara e o largo da Graça, na extensão aproximada de um kilometro, suspenso por sobre a velha Lisboa, que já desterrou as grades do Passeio Publico, os frades de pedra e tambem os de carne e osso, e a sege de boleia, que nos chocalhou soffrivelmente as tripas na nossa infancia. É uma empreza de capitalistas francezes á frente da qual se acha o sr. Camille Verdier, que se propõem realisar a grande obra, sem que o municipio dispenda um real, reservando a empreza para si o rendimento da ponte, que lhe dará as despezas do custo, conservação e o juro do capital empregado. Não se trata, porém, de uma simples ponte ou viaducto; o plano é mais vasto e mais original, como passamos a descrever: Uma ponte de ferro de 25 metros de largura, abobadada de crystal entre caixilhos de ferro dourado, e ladeada por pequenos compartimentos, tudo ferro e crystal, destinados a es-

tabelecimentos de venda. Pelo meio da ponte corre uma avenida de 10 metros de largura para a passagem de vehiculos e transeuntes. Os compartimentos tem uma frente para a avenida e outra para umas coxias de 2 metros de largura que correm ao longo da ponte, limitadas por uma cortina de ferro, podendo os transeuntes disfrutar a vista da cidade que está por baixo. Entre as coxias lateraes e a grande avenida do centro ha communicações de cinco em cinco metros, que cortam os compartimentos, formando elegantes arcos. Por baixo d'esta ponte deve haver um taboleiro destinado aos carros e carroças de transporte e tramways. Esta ponte assim concebida é uma pequena cidade aerea que só encontra companheiras nos Estados Unidos, ainda que menos bellas e espectaculosas.

Opera lyrica ingleza. Pensa-se em Londres em fundar uma opera nacional onde se cantem operas inglezas. Para realisar este pensamento, houve uma reunião presidida pelo Lord-Maior, a que concorreram maestros, litteratos, jornalistas e outras pessoas interessadas, para tratar da fundação da Opera Nacional.

Museu archeologico. A Camara municipal de Lamego está tratando de reunir algumas preciosidades archeologicas, que se acham dispersas pelo concelho, e com ellas formar um pequeno museu municipal. É este um exemplo digno de ser seguido pelos municipios, como meio de salvar muitas preciosidades, que são outros tantos documentos historicos, que convem archivar.

Quissembo. Por participação telegraphica do governador geral de Angola, ao governo portuguez, sabe-se que Quissembo foi submettido ao dominio de Portugal. Com a posse reconhecida do Quissembo fica o dominio portuguez definitivamente estabelecido em toda a região norte do Ambriz. Este resultado alcançou-se pacificamente, sem resistencia dos indigenas, e com o assentimento do rei e mais auctoridades do gentio. Estes factos provam o quanto vale o prestigio portuguez entre aquelles povos semi-selvagens, e do quanto valem as intrigas de Stanley e quejandos.

Premio Marianno de Carvalho. Com o titulo d'esta noticia estabeleceu a Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães, um premio pecuniario destinado ao alumno que mais se distinguir no exame de instrucção primaria, nas escolas de Guimarães. A Sociedade Martins Sarmento tomou esta resolução, em testemunho de reconhecimento ao sr. Marianno de Carvalho, ministro da fazenda, pela concessão á mesma sociedade do edificio do convento de S. Domingos de Guimarães.

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

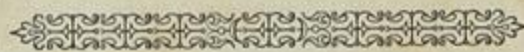
Herculano, por Alves Mendes, livraria Guttemberg, editora, Porto, 1888. Discurso proferido pelo conego Alves Mendes, na egreja dos Jeronymos por occasião da trasladação dos restos de Alexandre Herculano para a sua capella tumular. É uma obra litteraria de primeira ordem, e dizendo isto não fazemos mais que confirmar o que toda a imprensa tem dito do famoso discurso, de que se esgotaram em poucos dias duas edições. Quando um livro no nosso paiz tem um exito assim, sem explorar o escandalo, é o triumpho mais completo para o seu auctor, pelo que o felicitamos.

Patria. *Discurso na inauguração do monumento aos restauradores de Portugal*, por Alves Mendes. Livraria moderna de Alcino Aranha & C.ª, editores, Porto. Uma outra obra litteraria do sr. dr. Alves Mendes, que nos foi obsequiosamente offerecida e que nós agradecemos em especial. Este discurso, que é um primor litterario, não chegou a ser proferido, porque a solemnidade para que era destinado não se realisou. Mas se o publico não poude ouvir o eloquente orador, poude ao menos lêl-o e admirar a sua grande erudição historica a par com a elegancia e pureza da linguagem, que distinguem o eminente orador sagrado. São 48 paginas que se leem com encanto e que instruem sem fadiga.

Elementos para a Historia do Municipio de Lisboa por Eduardo Freire de Oliveira. Tomo III, folhas 23 a 26. Estas folhas publicam documentos relativos ao seculo XVII, e do periodo do dominio dos Filippes em Portugal.

Relatorio e Contas da Administração da Caixa de Soccorros a Estudantes Pobres, *e parecer do conselho fiscal*, Lisboa. O relatorio d'esta sympathica instituição é um documento muito lisongeiro para a classe dos estudantes de Lisboa e principalmente para os cavalheiros que constituem o corpo administrativo da Caixa de Soccorros, pelo grande serviço que lhe tem prestado levantando-a do abatimento a que ella tinha chegado. O movimento da Caixa durante o anno de 1887 foi: receita 373$450 e a despeza de 438$030 suprindo o saldo do anno anterior o deficit e ficando para o anno de 1888 um saldo, de 1:225$475 réis dos quaes pertencem ao fundo permanente 1:110$790. Tem além d'isto 1:000$000 réis em inscripções legado pelo sr. Diniz de Castro. Foram 37 os estudantes soccorridos, sendo 19 com livros de estudo, 7 com subsidio mensal, 5 com senhas para exame, e 6 com pagamento de matriculas.

Boletim da Sociedade de Geographia de Lisboa *fundada em 1875*, 7.ª serie, n.os 7 e 8, Lisboa, Imprensa Nacional. O primeiro insere: Primeiras explorações no sul de Angola, por Antonio Augusto de Oliveira, e colonisação de Timor, pelo major José dos Santos Vaquinhas. O segundo insere; Guiné portugueza—Communicação á Sociedade de Geographia sobre esta provincia e suas condições actuaes, por Francisco Antonio Marques Geraldes, capitão do exercito da Africa Occidental, S. S. G. L.

Jornal de Pharmacia e Chimica, *publicação mensal* proprietario e redactor F. J. Rosa, Lisboa n.º 17 do 2.º anno correspondente ao mez de maio. Este periodico é collaborado por distinctos pharmaceuticos. Publica entre outros artigos um projecto de reforma para o ensino pharmaceutico junto á Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra.

CARLOS FLOQUET

GENERAL BOULANGER

Typ. Castro Irmão — Rua do Marechal Saldanha 31 — Lisboa